



## REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES.—Balthão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; G. Bellent; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torreão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcelino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTOS.—Chronica, por C. Dantas.—Os diplomatas portuguezes em 1820, por F. Chagas.—Canção da Índia, versos, por Thomaz Ribeiro.—As nossas gratias, por C. D.—Em família (Passatempo).—Um conselho por semana.—A serena, por D. Guionar Torreão.

GRAVURAS.—Egreja de Santo Ildefonso.—Uma partida de xadrez.—Os frequentes da sacristia.—Um cortejo de nupcias.—Em plena primavera.

### CHRONICA

Estas carantonhas do tempo, que hoje se nos mostram horivelmente negras e feias, para d'aqui a pouco se transformarem em sorrisos limpídos de sol e gargalhadas frescas de brisas dozeantes, assemelham-se, na tanto em quanto, às palinodias politicas das gazetas da nossa terra.

O jornalista F... dá uma decompostura tremendissima no seu collega G... dizendo d'elle o que Mafoma não disse da carne de porco.

As apostrophes offensivas fervilham: as injurias amontoam-se; o bello epitheto insultuoso chove. Trovejam os doestros. Desencadeia-se uma tempestade de improperios. Fuzilam insidias. Relampejam cognomes feios. Faiscam imprações medonhas.

Isto passa-se de manhã.

Ao cair da tarde vai a gente encontrar o decomposto e o que decompoz, *bras dessus bras dessous*, flinando pela baixa, muito contentes n'uma premutação de sorrisos affectuosos e d'apertos de mão demorados.

Encontra-os à noite no Martinho trocando-se ternuras e copos de cognac.

Vê-os na camara, segredando confidencias a meia voz.

Descobre-os em toda a parte, dispensando reciprocamente palavras de paz e cortezias de *gentleman*.

Dura esta primavera de sorrisos affectivos o que duraram as rosas de Malherbe.



EGREJA DE SANTO ILDEFONSO

No dia seguinte, as mesmas injurias, reforçadas por um intervalo de vinte e quatro horas, a mesma tempestade de dichotes licenciosos. E ninguém já faz caso d'aquelle *dize tu direi eu* de soa

heiro, ninguém já attenta nas variações thermometricas da decompostura soez. Que chova, que venha, o nosso indigena tem já, para aquella instabilidade do bom ou do mau tempo politico, a mais supina das indifferenças.

Dá-se exactissimamente o mesmo com esta quadra meio outonal meio estiva que atravessamos.

Hoje, um dia quente e alegre; a luz ardentissima e clara do sol vibrando fortemente no ether; o céu, limpo de nuvens, a mostrar-nos a sua face azul muito lavada, sem arreboques de pó d'arroz.

Cá em baixo, nos *trottoirs*, elegancias de cores vivas, lambolando-se irrequieta; gommosos de cabana curta e collete branco a pavonearem-se agilmente, sob uma temperatura de duas duzias e meia de graus.

Dentro dos theatros, um calor de estufa, que faz o desespero dos velhos pintados e que lhes reduz a gotas negras de suor corrosivo a chimica esqualida do bigode.

Amanhã, chuvas torrencias. Um friosinho impertinente requerendo flanelas confortaveis. Uma inverno subitanea, a provocar-nos desejos de recorrer ao sapato de duas solas e ás roupagens fortes do dezembro preterito.

De manhã, entre as dez e as onze, um ar tepido e consolador, rapaz de rejuvenescer octogenarios e de dar vida aos plithisicos condemnados. A tarde, as nuvens a encastellarem-se caprichosamente no espaço, o boreas a soprar rijo, e... agua vae. A noite, caretas do céu, umas vezes; outras luar esplendido; densa escuridão agora, estrellas a fudgurarem d'aquí a pouco... uma perfeita cagada do Altissimo á pobre humanidade sublimar, que já não sabe com que *tonhete* ha de sair á rua e com que chapen de va escurar-se para affrontar as iras atmosphericas.

E' por isso, minha querida e amavel leitora, que eu me não atrevo a annunciar-te dias bonitos nem feios.

O mez de setembro é traizoeiro como os homens politicos, variavel como o coração das mulheres bonitas, inconstante como o amor dos vinte annos.

Quizera ser o teu borda-d'agua, quizera, mas esta quadra meio molhada meio alafadica vae-se deslizando n'uma versatilidade extraordinaria de temperaturas, e eu não quero mentir.

Dar-te-hei sempre um conselho: arreja, fêa do teu guarda-vestidos perfumada, as roupagens fortes do ultimo inverno, e prepara-te para as exhibiões em *repis*, quando a Judie nos visitar.

Porque a Judie vem, não sabes? Prometten, ca troço de muitas libras esterlinas, entende-se enunciar os olhos dos nossos leões do *sport* com a sua plastica fascinadora e deliciar os ouvidos de nos todos com a sua voz crystalina e fresca, de que se desprende um mundo de tentações harmonicas.

O sanctuario que ha de receber aquella deusa da Arte é a Trindade.

Francisco Palha irá ao encontro da *diva*, envolvendo-a no melhor dos seus sorrisos acariciadores. Far-lhe-hão cortejo os bravos artistas d'aquella casa de espectáculo, e Judie, o portentoso genio dos palcos francezes, terá ensejo de contemplar de perto as respeitaveis minas *ubi Camaria fuit*.

Tu não conheces a Judie? Nem eu, mas tenho ouvido falar. Curo por informações.

Tambem eu te não conheço, leitora, mas adivinho que és formosa e não me custa nada fanchasiar-te como tal. Vivo n'esta doce illusão, que queres?

A' força de me dizerem que a Judie é um portento de belleza, acreditei-o piamente, e ainda que ella se me apresente com uma fealdade diabolica, hei de jurar sempre que nunca se viu formosura igual.

Mas façamos um pouquinho de biographia para te orientar, e deixemos em paz os attractivos da mulher.

Anna Damiens Judie—chama-se assim o portento—nasceu em Semur, a patria do celebre critico Claudio Saumaise, aos 17 de julho de 1830. Completou, pois, trinta e quatro primaveras; encontra-se no pleno *desenvolvimento* da vida.

Já não se lhe pode chamar uma juventude exuberante de frescura, mas é uma frescura revelando moridades.

Empregada, ao principio, n'um estabelecimento de roupa branca, sentio pruridos de trocar a agulha e a brentaria de linho dos enxovaes caros em que trabalhava, pela existencia aventureira do theatro.

Estudou no conservatorio arte dramatica, aprendeu a cantar, e um bello dia estreou-se ansiosamente no *Gymnasio* de Paris. Do *Gymnasio* passou ao *Edorado*: percorreu a Belgica provocando enthusiasmos delirantes; passou pelos *Buffos Parisienses*, occupando ali o primeiro logar, e ha oito annos escriptou-se nas *Variedades*, onde embasbarou os subditos de mr. Grévy na *Périchole*, na *Bella Helena*, etc.

Recentemente fez o seu repertorio variadissimo em Londres, Bruxellas, S. Petersburgo e Copenhague. Agora vem a Madrid, desafiando o cholera cheia d'audacia, e depois mostrar-se-nos-ha cinco vezes na Trindade, em outubro.

Póde ser que a bella *virtuose*, vindo de dois paizes inficionados, nos traga consigo, na bagagem opulenta de trajes principescos, o terrivel microbio cholérico. Mas não importa. As coisas recebem-se como das mãos de quem voem, e nós teremos o maximo

prazer em nos deixar inficionar por uma franceza galante e por uma actriz notabilissima, que se chama Judie.

Ainda hoje não cumprio a promessa feita na minha ultima chronica. Segredam-me que não tenho espaço, os tyrannos da typographia.

Fica para depois, sim?

C. DANTAS.

## OS DIPLOMATAS PORTUGUEZES EM 1820

Não acollheram bem os ministros portuguezes nas côrtes estrangeiras o movimento revolucionario de 24 de agosto. Ligados todos mais ou menos pelo seu nascimento á antiga ordem de coisas, impregnados tambem, naturalmente, nos sentimentos politicos dos governos junto dos quaes estavam arreditados, sentimentos que eram n'essa occasião os menos liberais possiveis, não podiam sympathisar com a revolução portugueza, e claramente mostraram ao governo provis rio a sua desaffeição.

O mais intelligente de todos os nossos ministros no estrangeiro, e o que melhor comprehendia o caminhar das idéas na Europa, era incontestavelmente o conde de Palmella, mas, tendo sido nomeado ministro dos negocios estrangeiros, partira para o Brasil, e ainda póde, de passagem em Lisboa, dar aos membros da Regencia alguns conselhos salubres mas tardios. Substituíra-o interinamente o famoso morgado de Mathens, D. José Luiz de Sousa Botelho, que foi de todos os ministros o que andou mais correctamente. Esse, ao menos, officiou ás côrtes dizendo cortezmente que não podia ter correspondencia official com o ministro por ellas designado sem authorisação de Sua Magestade.

Antonio Saldanha da Gama, nosso ministro em Madrid, e que foi depois conde de Porto Santo, o marquez de Marialva, ministro em Paris, Francisco José Maria de Brito, ministro na Haya e D. Joaquim Lobo da Silveira, depois conde de Orlola e então ministro em Berlin, todos se recusavam a dar passaportes para os portos portuguezes, e alguns com circumstancias aggravantes.

Assim, Antonio de Saldanha não só officava aos consules que d'elle dependiam, ordenando lhes que fizessem todos os esforços para manter incommunicavel o reino de Portugal, mas ainda ia ao famoso congresso de Laybach empunhar-se de certo para que a Europa esmagasse o regimen liberal em Portugal como se precipitavam esmagal-o em Hespanha e em Napoles.

O marquez de Marialva reunia em sua casa todos os inimigos do systema liberal, de forma que na legação portugueza em Paris conspirava-se abertamente contra o regimen legalmente estabelecido em Portugal!

Francisco Maria de Brito, ministro nos Paizes Baixos, escrevia artigos no jornal de Bruxellas, que eram tambem clarissimamente hostis ao governo das côrtes.

D. Joaquim Lobo da Silveira, esse não só não concedia passaportes a quem vinha para Portugal, mas lustava com o governo prussiano para que não consentisse que dos seus portos saíssem navios em direcção a Portugal, valendo-lhe essa attitudé uma resposta perfeitamente correcta do governo prussiano, que era ao mesmo tempo uma censura ao procedimento do ministro e uma lição severa.

José Anselmo Correia Henriques é, de todos, aquelle cujo procedimento mais deveria espantar, se não soubessemos de ha muito que os precursores das revoluções raras vezes comprehendem que são ellas as realisações praticas das suas idéas. É muito provavel que Voltaire houvesse refugido com horror dos homens, que, ao passo que erguiam os cadafalsos em que succumbiam victimas sem numero, lhe faziam a elle uma apothéose estrondosa e extraordinaria.

José Anselmo Correia Henriques era um philosopho, um encyclopedista. A elle devemos a honra dispensavel de termos tambem na nossa litteratura uma imitação da *Pucelle* de Voltaire. Foi elle que escreveu e imprimio em 1806, em Hamburgo, um poema heroi-comico em cinco cantos, intitulado *A Padeira de Aljubarrota*. Voltaire praticára o acto ignobil de pretender ridicularisar com chocarices indignas do seu grande genio uma das tradições mais sagradas da historia de França, a memoria da ardente criança, que arrastada pelo mais nobre, pelo mais entusiastico dos sentimentos patrióticos, empunhára com as suas dobeis mãos a bandeira da França, arrastada aos pés dos Ingleses, e seguida por uma moridade fascinada e encantada, a hasteára victoriosa e intrepidamente nos muros das bastilhas reconquistadas aos invasores. José Anselmo, com menos talento, tambem tivera menos culpa. A tradição que elle achincalhára é tambem uma tradição patriótica, mas uma tradição muito menos nobre e muito menos sublime do que a da *Pucelle d'Orléans*,—a tradição de Brites de Almeida. A intenção, comtudo, era a mesma. Se Joanna d'Arc tivesse sido portugueza, teria sido Joanna d'Arc a heroína do poema heroi-comico.

Pois bem! este livre pensador, este imitador de Voltaire, quando

rebeitou em Portugal a revolução que prestava homenagem aos princípios constantemente pregados pelos philosophos francezes do século XVIII, era ministro portuguez em Hamburgo, e declarou a revolução de Vinte uma guerra de morte. Respondeu insolentemente ao secretario de Estado dos negocios estrangeiros, nomeado pelas côrtes, dirigiu ao senado de Hamburgo um protesto contra os actos que se estavam praticando em Portugal, a todo o corpo diplomatico portuguez uma outra circular tambem hostile á Revolução. Na insignificancia do seu logar, que pouco mais valia do que um consulado, entendeu o imitador de Voltaire que podia assumir a direcção do corpo diplomatico portuguez, e emprehen-der no estrangeiro uma campanha contra as Côrtes, como sete ou oito annos depois a dirigiu contra D. Miguel o Marquez de Palmella, que era ministro portuguez em Londres.

Parece que, não contente com isso, ainda foi, depois de demittido, redigir para Londres um periodico intitulado *Zurruque politico das côrtes noras*. Quando em 1823 o regimen liberal foi supprimido pelo movimento reaccionario de Villa-Franea, ainda José Anselmo, triumphante, lhe vibrou um poema em cinco cantos, intitulado *O Charlatanismo, ou o congresso abolido*.

Assim, a revolução de 1820 encontrava, logo nos seus primeiros passos, a hostilidade d'aquelles mesmos, que a tinham preparado. Os corpos organisados reagiam todos naturalmente contra o movimento revolucionario, e a Revolução não tinha força para os quebrar, porque não assentava ainda em bases certas e definidas. Era visivelmente um movimento prematuro. Não tinha ainda raizes n'um solo que estava já revolvido profundamente, mas em que os germens da nova sociedade tinham ligado a flor da terra.

P. CHAGAS.

## CANÇÃO DA INDIA

A minha terra resmo  
Os Hesitros do meu lar  
Folha d'agua, esteira e humo  
O mais da minha Deus e o mar.

Se Mermugão tem perolas,  
Saphiras e ouro, Ohor,  
Se amores, Angediva,  
Brilhantes, Bismagar,  
Eu fico a meio e triste a praia esqui-  
va  
E resta ao pesador...  
Sómente o mar.

Son pesador do mar alto,  
Nasci na lambrrosa Mahem;  
Se a noite ergue o mar e eu fallo,  
Que ha de ser de minha mãe?

Se Mermugão tem perolas,  
Se rosas tem Dandim,  
Se bellas, Angediva,  
Brilhantes, Bismagar,  
Eu deixo sempre ao largo a praia esqui-  
va  
E resta para mim...  
Sómente o mar.

É-me abrigo a minha vela;  
Sombra, contra o sol mortal;  
Calor, se me embrulho n'ella,  
Contra o frígido terral.

Se Mermugão tem perolas,  
Se fadas tem Ponda,  
Se glorias, Angediva,  
Brilhantes, Bismagar,  
Eu fujo como estranho a praia esqui-  
va  
E resta-me por lá...  
Sómente o mar.

Quando a tona se me encosta  
As palmeiras de Dandim,  
Segue-nos por toda a costa  
O aroma d'este jardim.

Ceylão tambem tem perolas,  
E tem rubis Pegó,  
Brilhantes tem Golconda,  
Sanguineas Calwar,  
E eu passo a vida triste d'onda em onda,  
E resta ao pobre nú...  
Sómente o mar.

THOMAZ RIBEIRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### EGREJA DE SANTO ILDEFONSO

É uma das egrejas mais formosas da cidade do Porto.

Situada no largo a que dá o nome, tem por base uma magnifica escadaria de granito, que faz realçar a elegancia da sua construcção.

A fachada, como se vê da nossa gravura, é d'uma singeleza encantadora. Sem que a sobrecarreguem brincados ornatos, tem o que quer que seja d'aquella simplicidade que caracteriza a religião em honra da qual foi ereta.

As pinturas interiores são soberbas. Entre todas distingue-se o retabulo do altar-mór, que foi executado em Paris, por Guilherme Correia. Restauradas ha pouco, podem agora admirar-se mais distinctamente todas as suas grandes bellezas artisticas.

### UMA PARTIDA DE XADREZ

A scena passa-se no terraco da casa de campo, antes do jantar. Uma scena quasi muda, mas expressiva e animada.

Tres figuras apenas resaltam do quadro, sem contar com o mansarrão *bull-dog*, que dorme placida *somnosa*, estirado aos pés da cadeira, e com as pombas brancas de neve, que adejam no azul puro e limpo do espaço.

O velho cachimba satisfeito, com os olhos cravados no taboleiro do xadrez, onde pequeninas peças de marfim, artisticamente trabalhadas, se movem em lances difficéis.

Está contente porque acabou de dar cheque ao rei do pareeiro. Mira-lhe risadinhas de moça e faz ditos pirantes, exaltando a sua mestria consumada.

Entregue aos doces prazeres da victoria e ás ineffaveis delicias da jogatina, passa-lhe despercebido tudo o mais, e não viu ainda que o adversario dera *cheque e mate* ao coração da filha, enquanto elle calculava um movimento escabroso do jogo predilecto.

### OS FREGUEZES DA SACRISTIA

Antes da missa conventual, é certo vel-os ali, na sacristia da egreja aldea, reunidos em congresso.

Chegam isoladamente, um agora, outro logo. Vem primeiro o boticario, fazendo a digestão do que leu nas gazetas. Chega depois o tio Anastacio, um bom homem de lettras gordas, que desadora o liberalismo e os pedreiros livres. O ultimo a apparecer é o regedor; tem sempre entre mãos negocios graves. Falla pouco, porque não deseja comprometter-se e quer servir com todos os governos. Ainda assim, entra nas discussões, quando ellas se acabaram, dizendo sempre que falla por fallar, para dar a taramela, mas que não tem politica definida.

O bom do prior, uma creatura tolerante e honesta, supporta-os nas suas divagações estu, endas sobre a guerra da França com a China e acerca dos projectos de Bismarek.

Se os vê desmandarem-se na palestra, tem um meio seguro para os fazer callar e pôr em delandada: pede-lhes que concorram com o seu obolo para a caixa das Almas ou para a proxima festa a um Santo qualquer.

Os generosos *freguezes* simulam não ouvir a petição, e retiram-se pouco a pouco, a formiga, estando dois ou tres dias sem apparecer no pequenino congresso habitual.

Uns patusecos!

### UM EXERCICIO DE NATACÃO

Ensinar natação aos filhos, n'aquella nudez provocadora, e expor os medos pinpolhas ás furias d'aquelle mar revolto, não nos parece coisa muito real, nem muito plausivel, nem muito humana.

Devemos, pois, tomar o quadro como uma arrojada fanthasia do seu author, sujeito de certo propenso a devaneios tresloucados.

Se ao menos os pequenitos tivessem azas brancas, vá; dava-se o caso como passado em tempos mythologicos, e havia para toda explicação.

Mas assim, sem o alvo appendice seraphico... o nosso olhar fixa-se apenas nas formas opulentas da mulher, e esquece os formosos rapazelhos da estampa.

Quem nos dera ter por banheiro aquella esplendida beldade, se ella não fosse um mytho!

### EM PLENA PRIMAVERA

Inventou Deus esta quadra de proposito para o amor.

Quando dos seus labios se escapou o sublime preceito:—*Crescite et multiplicamini*— a um aceno da sua mão portentosa fez-se a primavera, floresceram os campos, gorgearam os melros nos balseiros, beijaram-se as avesinhas na ramagem do bosque.

Bem entendido, os rouxinoes e as toutinegras não guardaram para si o privilegio exclusivo d'estes idyllios productores, tendentes a multiplicar a especie.



UMA PARTIDA DE XADREZ (Quadro de Naumann)



UM EXERCÍCIO DE NATAÇÃO

(Quadro de W. Kray)



OS FREGUEZES DA SACRISTIA (quadro de G. Knorr)

Amou a natureza inteira, n'um côro universal, e o homem, como sendo o ente mais perfeito e mais *lanceado* da criação, deitou amor às cegas, delirante e vertiginoso, multiplicando a raça aos milhares, aos milhões.

Se não fosse a primavera permaneceríamos todos na impro ductibilidade do nada, e aquellas duas creaturas felizes do nosso quadro não teriam incentivo para a troca d'uns beijos mornos e languidos, furtados á cancella do parque, pela hora suavemente poetica do pôr do sol.

C. D.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. V. FALCONEIRAS.—Não pode ser. Sonetos, só os admittimos muito bons, de correção indisputavel. É praxe estabelecida.

C. DE VASCONCELLOS.—Não satisfazem aos requisitos marrados.

PLAUTO.—A idéa é boa, mas a forma peca por incorrecta. Chega a gente a não atinar com o metro dos versos.

W.—Porto.—Será publicado a seu tempo. Ha por cá muitos logographos, que vieram antes, e que tem direitos adquiridos.

Fica satisfeito?

D. I. M. L. DE MENDONÇA.—É crescidinho, é, mas fica archivado para quando poder ir.

AMADOR DE MORAES.—Um bello soneto, se não fosse o 2.º verso da segunda quadra: «Que tem d'immenso quanto é profundo.»

Não poderia modificar toda aquella quadra?

TOM POUCE.

## CHARADAS

NOVISSIMAS

Agora não, mas esta ave de rapina mata-se—2—2.

O tecido das arvores deleita a vista—2—2.

Antica SERAVAT.

Desde o nascer até ao pôr do sol, este peso demonstra na geometria—2—2.

Na casaca e na garganta agita o ar—2—1.

Esta proposição é proposição em rhetorica—2—2.

O semblante vigia esta embarcação—2—2.

Cartaxo. T. R.

EM QUADRO

- • • • Animal
- • • • Verbo
- • • • Mineral
- • • • Verbo

ELECTRICAS

H. A. P.

As direitas vestem-se, e as avéssas um reptil amphibio—2

As avéssas nas arvores, e as direitas um verbo—2

Vizeu. F. C. CAMPOS.

EM VERSO

A coisa tem masculino }  
E lá se mette o carvão. }  
Esta é verbo; os da Galliza }  
Assim dizem «bem». }

Então?

Inda não adivinharam?  
É rio; é villa... eu sei cá;  
É muita coisa!... Comtudo  
Para conceito, aqui está.

C. S. F. P. M.

Ou de traz para deante  
Ou de deante para traz  
A mesma coisa vereis  
O mesmo termo acharás—2.  
Cidade digo que sou  
Mas não digo aonde estou.

D. BIRAS.

## ADIVINHAS POPULARES

Eu sou mãe de muitos filhos  
E todos commigo tenho,  
Para lhes matar a fome  
Dou mil voltas, vou e venho.

Os homens me dão governo,  
Aos homens governo eu dou.  
Quando se esquecem de mim  
O meu governo acabou.

## CARTA ENIGMATICA

Amigo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11.

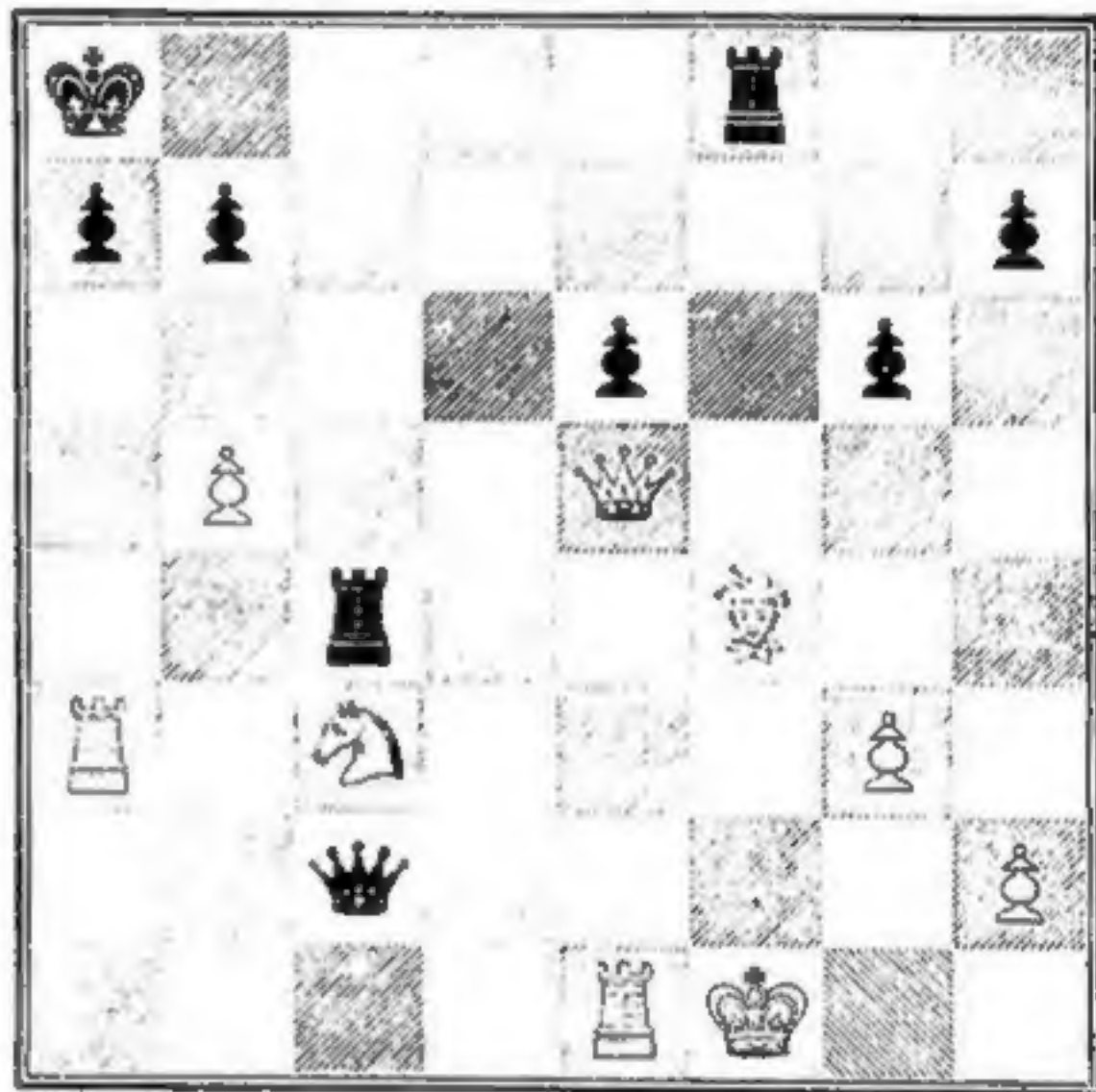
Participa-te que o rapaz já 2, 3, 9, 6, 11 a 5, 6, 3, 4, 2 e preparou o 9, 10, 7, 6, 2, 7. O mais 4, 3, 2, 1, 2, 7, 5, 6, será feito com muita brevidade. Tambem já vendem a 4, 2, 4, 2, 4, 2 a 9, 2, 3, 4, 5, 2, pelo que fiquei muito satisfeito; a 3, 2, 9, 2 ainda se conserva na terra até que o 2, 3, 4, 5, 11, 3 por cá appareça.

Teu amigo,  
2, 9, 2, 3, 8.

## XADREZ

PROBLEMA N.º 10

NEGROS



BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

## LOGOGRIPHO

Se no campo, tu me vês—2—7—8—9  
É porque sou vegetal—1—6—3—4—9  
É a verdade, acredita,—4—2—8—5  
Ser planta medicinal. —1—6—8—9

«Se vir's a mulher perdida,  
Não a trates com desdem;  
Por que Deus tambem castiga  
Não diz quando, nem a quem.»

(Cantiga popular). Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

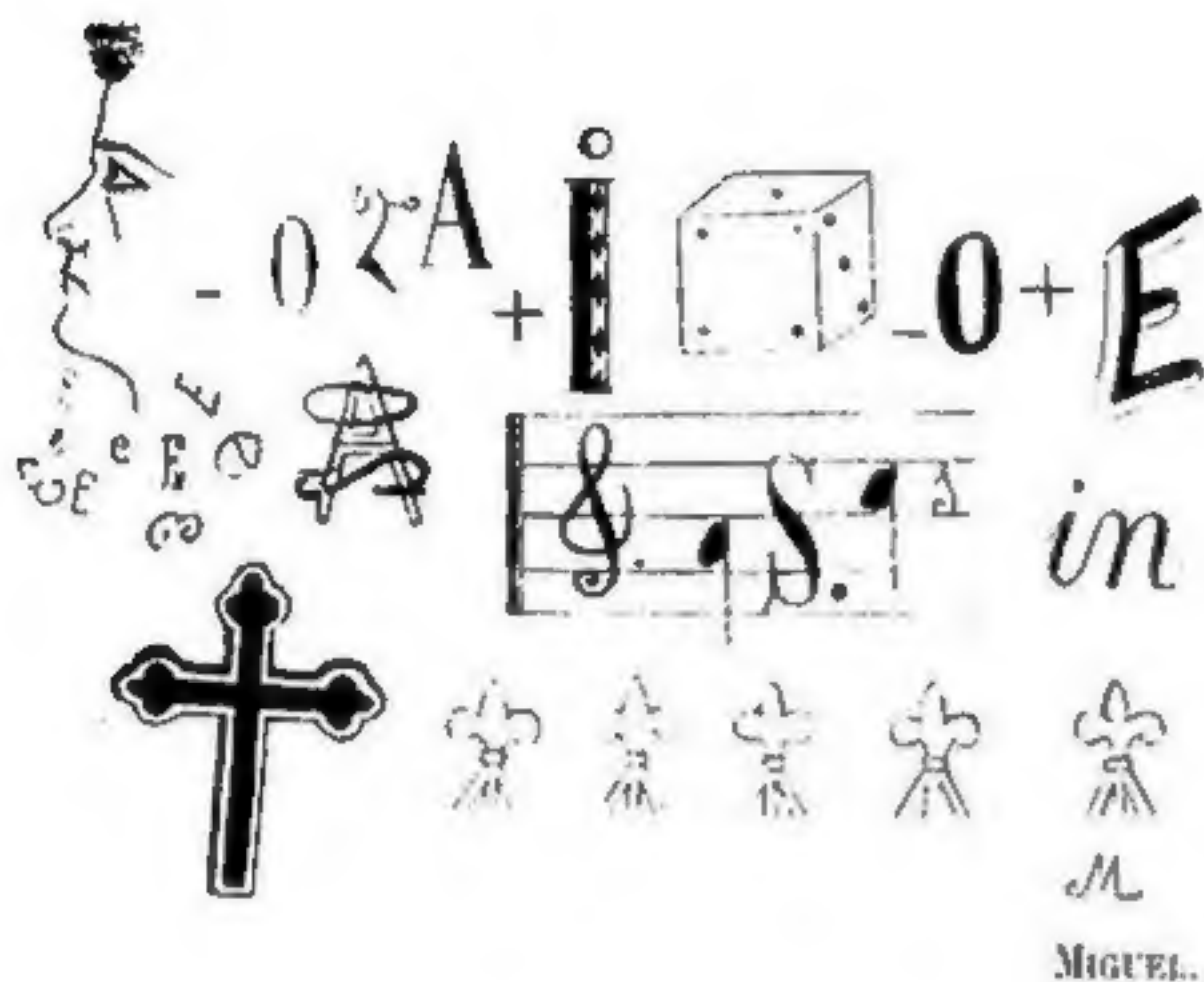
## PROBLEMA

Um moribundo, tendo sua mulher grávida, dispoz dos bens da maneira seguinte: Se sua mulher tivesse um rapaz, herdaria este 14 contos e a mãe 7 contos; se tivesse uma rapariga, herdaria esta 7 contos e a mãe 12 contos. O marido fallece e sua mulher tem um rapaz e uma rapariga. Como se deve dividir a herança?

MORAES D'ALMEIDA

## ENYGMATA PITTORESCO

N.º 6



## DECIFRAÇÕES

Das charadas.

- 1.ª—Viridiana.
- 2.ª—Papaz.
- 3.ª—Justino.
- 4.ª—Samouco.
- 5.ª—Carapau.
- 6.ª—Sirigaita.
- 7.ª—Orador.
- 8.ª—M a l a  
a z a r  
l a m a  
a r a r
- 9.ª—Argos.
- 10.ª—Mela.
- 11.ª—Barbo  
a r i a  
r i a  
b a  
o
- 12.ª—Candieiro.
- 13.ª—Relampago.

Das adivinhas populares:

- 1.ª—Pão.
- 2.ª—Pião.

Das palavras em triângulo:

A r d e n c i a  
r o e d o r a  
d e f e r o  
e d e m a  
n o r a  
e r e  
i a  
a

Xadrez—Solução do 9.º problema:

- | BRANCOS                   | NEGROS           |
|---------------------------|------------------|
| 1. R. a 6 C. D.           | 1. P. faz D.     |
| 2. C. 6 B. D. cheque.     | 2. R. casa B. D. |
| 3. P. 7 D. cheque e mate. |                  |
| ou                        |                  |
| 1. R. 6 C. D.             | 1. R. casa B. D. |
| 2. C. 6 B. D.             | 2. P. faz D.     |
| 3. P. 7 D. cheque e mate. |                  |
- Do logogripho:—Loteria.

## A RIR

À meza redonda d'um hotel:

—Vocencia serve-se de presunto, minha senhora?

—Com todo o gosto... Eu morro por tudo quanto é porco!...

F... perdeu a sogra ha dois mezes, e mandou gravar no seu jazigo esta inscripção:

«Só cuidava da minha felicidade e provou-o, morrendo.»

Uma senhora persuade-se de que lhe entraram ladrões em casa. Assustada, pede socorro, grita desesperadamente, mas só lhe apparecem as creadas.

—Como assim! diz ella, cheia de indignação; pois vocês são nada menos de quatro, e nenhuma tem soldado da guarda municipal?!

Um Domnó.

## UM CONSELHO POR SEMANA

Recomendamos o seguinte remedio para debellar as constipações rebeldes.

Misturem-se tres colheres de sopa, de boa aguardente, com outras tres de xarope de avenca, e deite-se a mistura n'uma chavena cheia de infusão quente de flores de violeta.

A noite, depois de deitado, beba-se a tisana e repita-se o remedio nas duas noites seguintes.

Em tres dias a constipação terá desaparecido completamente.

As pessoas de constituição fraca podem empregar só duas colheres d'aguardente, em lugar de tres.

## A SEREIA

(A EX.ª SR.ª D. MARIA DE MORAES PINTO DOUCEL)

Clotilde sentia uma tristeza profunda e lancinante, que lhe trespassava o coração lentamente, como o ferro agudo e frio de uma lanceta.

Em torno d'ella enxameava um ruidoso grupo de raparigas e rapazes, que não pensavam senão em inventar divertimentos, mais ou menos interessantes, destinados a preencher todas as horas da villegiatura, desde o romper do sol até à meia noite.

Os *pic-nics*, as pescarias, as burricadas, as *soirées* succediam-se com vertiginosa presteza: o piano do Club esalfava-se, de noite e de dia, ganindo sem cessar, expectorando sem interrupção polkas, walsas, lanceros, succas.

Os idyllios floresciaam profusamente, brotando a cada instante do cruzamento dos olhares que se procuravam, do enlace das mãos que se uniam, da affinidade dos gostos que se encontravam...

O outono começava a estender no horizonte as suas pinceladas de uma pallidez ondeante: os crepusculos mergulhavam-se em tintas de uma cor esbatida, afogueada em subitos incendios e logo extincta em uma lividez doenté, como as faces dos phthisicos.

O mar reflectia todas as manhãs e todas as tardes, como um colossal espelho, os caprichosos panoramas das nuvens, ora acastelladas em fantasticas montanhas de bronze, orladas de franjas de arminho, ora lançadas atravez do azul, em bandadas de passaros gigantes, ora contorneando em um fundo ensanguentado baixos relevos extravagantes, cabeças de esphinges, chymeras de ventres obesos e risos grotescos, regonhas de pescoços hirtos, mastodontes fabulosos.

E á medida que o inverno se avisinhava, annunciando-se, de vez em quando, nos roneos do mar, nivando ao longe, por entre neblinas da madrugada, desfazendo-se em gotas de chuva, redobrava o furor dos *pic-nics*, a febre das walsas, a ancia dos idyllios.

Só Clotilde pareria não tomar parte n'essa alegria doida, em que se sentia a palpação do sangue moço, restaurado dos enervantes cansaços da cidade no tonico fortificante do banho, no amplo espaço lavado pelas emanações sadias das ondas e pelos cheiros aromaticos do pinhal.

Clotilde apparecia nos *pic-nics*, nas *soirées*, nos passeios, acompanhando a sua familia, que era uma das mais aristocraticas, mas apparecia com um automato, guardando nos labios vermellos e frescos a dolorosa contracção de um segredo, deixando adivinhar na profundidade melancolica dos seus bonitos olhos azues a sombra de uma preocupação, envolvendo-se em um silencio pertinaz, a que ninguem, por mais habil, conseguia arrancar senão raros monosyllabos contrafeitos.

A noite, no Club, quando Macario imperativo batia com as suas mãos de ebano no teclado, fazendo-o explosir em descargas de polkas e walsas, e os pares gyravam, com palpações multicores de borboleta, adejando em torno da chamma que devera queimar-as, Clotilde ia esconder-se no terraço, e ali, com os olhos perdidos nas ondas que fustigavam os rochedos, coroando-os de

penachos brancos, alastrando-se depois em cauda ondulante, bordada de escamas de prata, scintillando percutida pelo luar; escutando a grande voz sonora do mar, onde parece que suspiram todas as sandices da terra, dulcificadas, á noite, pelas gotas de luz que chovem das almas das estrellas, deixava cair a fina cabeça espirituosa no concavo das mãos e chorava convulsivamente.

Clotilde amava, com um d'estes amores impetuosos, únicos e fataes, que só se experimentam uma vez na vida, que absorvem a seiva dos corações e matam, quando são atraçados,

hombrós, a linha serpentina do corpo, descobrindo-lhe os braços, pirados de covinhas appetitosas, de uma alvura nacarada; um cinto de chagria apertava-lhe a cintura breve e flexível; mas a grande belleza da coquette eram os cabellos, que trazia soltos nas espaldas, uns cabellos abundantes e ondedos, de um loiro ardente, com scintillamentos fulvos e opulências de juba indomita.

Atirou-se á agua, rindo-se nas perolas dos dentes, e nadou como uma sereia, fendendo serenamente o azul saphira da onda, que desdobrou, para embrulhar-a, o seu alvo lençol de espuma.

Desde então, chamavam-lhe a *Sereia*; não se fallava senão nos cabellos loiros da *Sereia*; a novidade, como succede sempre nas praias, tomou as proporções de um acontecimento.

Formou-se entre os homens uma especie de liga offensiva e defensiva: tratava-se de saber qual ganharia a palma da victoria, n'esse torçao de corações seduzidos pelos encantos da *Sereia*.

Jorge não escapou ao contagio; e Clotilde, a quem se tornaram suspeitas as repetidas ausências, as continuas distrações do noivo, Clotilde que teve logo uma bondosa amiga, informadora offriosa, que lhe referiu, muito prolixa, os passeios de Jorge na direcção do moirão, as suas sentinellas na praia, os seus extasis defronte de certa janella, Clotilde sentia-se morrer, dilacerada pela vibora do ciúme, que se lhe enroscara no coração.

Jorge não deixara de amar Clotilde; amava-a a seu modo, preferindo-a a todas, mas permitindo que todas, de formas varias e aspectos mais ou menos correctos, viessem, alternadamente, assentar-se á meza benta do seu coração—estalagem.

Os cabellos loiros da *Sereia* traziam o meio doido: via-os a todo o instante, no espelhamento fulvo das suas ondas de seda doirada; sonhava, febril, com a possibilidade de mergulhar as mãos n'esse mar de ouro fluído, exuberante de perfumes; o typo da *Sereia*, typo forte, de carnes turgidas e duras como o marmore, não era o ideal de Jorge: Jorge não se importava inteiramente nada com a mulher; a sua paixão, o seu delirio, o seu obcecante peizado era o cabelo da *Sereia*, essa juba de chamuscas que lhe queimava o sangue!

De repente, Clotilde deixou de estar triste, e appareceu radiante de felicidade, doida de alegria!

O noivo, cada vez mais apaixonado, cessou de assentar-se, não a deixando um instante, envolvendo-a em longos olhares de uma ternura intensa, beijando-lhe as mãos, tremulo de commoção, beijando-lhe, doido de amor, o cabelo, o cabelo sobre tudo, e instando, todos os dias, com o pai para apressar o casamento.

Oito dias antes, Jorge, arrastado pela paixão capillar que o desvairara, instigado pela tentação de beijar, em um furtivo relance, o cabelo da *Sereia*, entrou arrebatadamente na barraca de lona.

Mas a esplendida juba loira estava pendurada em uma corda a enxugar, e o que o olhar horrorizado de Jorge viu foi uma cabeça calva, immergindo de um lençol turco!

GUOMAR TORREZÃO.

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

### Em todo o Portugal

Anno, 52 numeros... 1\$560 réis.  
6 mezes, 26 numeros... 780 "  
3 mezes, 13 numeros... 390 "  
No acto da entrega... 30 "

### Em todo o Brazil

Anno, 52 numeros... 8\$000 rs. fr.  
6 mezes, 26 numeros... 4\$000 "  
Avulso... 200 "

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA



EM PLENA PRIMAVERA (Quadro de W. Umberg)

Tinham-se encontrado, pela primeira vez, havia um anno.

Alguns mezes depois, Jorge de Gusmão pedia Clotilde: o casamento fixara-se para a epoca em que o padrinho de Clotilde regressasse do Rio de Janeiro.

Jorge amava Clotilde com o amor tranquillo e moderado dos que desconhecem a duvida e confiam egamente na realisação dos seus votos.

Clotilde amava Jorge com uma paixão torturante, assaltada de ciúmes, pungida de continuos sobresaltos.

Uma manhã, na praia, appareceu de repente, sem se saber d'onde vinha, uma mulher elegantissima, vestida com uma coquette diabolicamente provocante, tendo nos gestos, no andar, no modo especial de subtilisar as mais insignificantes palavras, um refinamento de mundanismo, de uma seducção irresistivel!

Os homens, estonteados, mordidos de curiosidade, reuniram-se em conciliabulo: no dia immediato, juntaram-se todos na praia para assistirem ao banho da formosa desconhecida.

Quando ella saiu da barraca de lona, um grito ressoou na praia. Vinha deveras encantadora, vestida com um garrido fato escarlate, bordado de branco, que lhe desenhava as curvas harmoniosas dos